

GRAMÁTICAS HISTÓRICAS DO PORTUGUÊS

Ana Maria Martins
DLGR – FLUL

A *mudança radical* que Malkiel diagnosticava em 1960 como necessária para que o género 'gramática histórica' pudesse ser *efectivamente ressuscitado* não se deu ainda. Mas isso não lhe confere uma inerente debilidade que assim o oponha a outro tipo de estudos gramaticais. Sugere-nos sim que especulemos acerca das razões por que essa mudança radical não teve condições para se produzir. Por outro lado, se é certo que a consulta das gramáticas históricas que temos nos deixa muitas vezes insatisfeitos, nem por isso deixam de ser, para quem trabalha em Linguística Histórica, instrumentos de trabalho indispensáveis. Este texto é sobre as gramáticas históricas do português, as que temos, sem deixar de reflectir sobre o porquê de serem as que são.

Começemos por considerar o que é uma gramática histórica, partindo das definições que nos são dadas pelos autores de algumas delas, bem como por Malkiel (1960):

A grammatica comparada em sentido estricto, ou grammatica historica, estuda os elementos que constituem duas ou mais linguas correlacionadas genealogicamente, isto é, duas ou mais linguas que são transformação d'outra, como o portuguez é transformação do latim. (Adolfo Coelho 1881, segundo a edição de 1896, pág. 21)

A grammatica scientifica, a que se chama tambem grammatica comparativa, por ser pela comparação das partes do organismo de duas ou mais linguas, ou de duas ou mais epochas

d'uma mesma lingua que ella chega a estabelecer os seus principios, ou historica por considerar as partes do organismo das linguas sob o ponto de vista do seu desenvolvimento historico, a grammatica scientifica tem uma parte destinada ao estudo das transformações dos sons das linguas de que tracta e que busca para cada momento dado da historia d'essas linguas achar o modo de ser anterior dos sons que n'ella se encontram n'esse momento, e assim sucessivamente até chegar ao som primitivo e original. (Adolfo Coelho 1874:66)

A gramática histórica estuda e ensina as leis a que está sujeita a língua na sua evolução, acompanhando-a através das modificações por que tem passado, desde a origem até ao estado em que actualmente se encontra. (António Garcia Ribeiro de Vasconcellos 1900)

Grammatica historica é a que estuda a origem e evolução de uma língua no tempo e no espaço. O seu methodo é sempre o methodo historico-comparativo, versando a comparação das fórmulas grammaticas, não só com as transformações parallelas das linguas afins, mas ainda com as transformações successivas da mesma lingua. (Eduardo Carlos Pereira 1916)

Gramática Histórica é a ciência que estuda os factos de uma língua, no seu desenvolvimento successivo, desde a origem até à época actual. (Ismael de Lima Coutinho 1938)

A historical grammar may be defined as a formal arrangement of strictly linguistic data pertaining to structure rather than to the lexicon and viewed in diachronic perspective; that is to say, it presupposes at least two parallel sets of forms separated by a sufficiently extended period of time for sharply marked contrasts between corresponding forms to have crystallized, if not in every instance, at least on a considerable scale. [...] Every historical grammar is, by definition, comparative, the minimum comparison residing, we recall, in a point-by-point confrontation of two successive, reasonably distant stages of the same language. (Yakov Malkiel 1960: 72)

Dois ideias fundamentais nos são transmitidas pelas definições dos gramáticos: a gramática histórica é necessariamente comparativa; a comparação envolve formas pertencentes a estádios diferentes de uma

língua (ou família de línguas) e visa dar conta das mudanças operadas entre o estágio mais antigo (eventualmente a reconstruir) e o estágio mais recente. As evoluções a estudar devem, de acordo com alguns dos referidos gramáticos, abranger um período o mais extenso possível – desde as origens até ao estado actual. No artigo dedicado às gramáticas históricas românicas que Yakov Malkiel publica em 1960, a definição de 'gramática histórica' não se afasta das acima citadas mas acrescenta-lhes precisão, estabelecendo que: 1) uma gramática histórica é uma sistematização formal de dados estritamente linguísticos, geralmente de natureza estrutural e não lexical; 2) sendo uma gramática histórica por definição comparativa, ela envolverá no mínimo uma comparação *ponto-por-ponto* entre dois estádios sucessivos de uma língua, suficientemente distantes para que as mudanças observadas se encontrem concluídas.

De acordo com Malkiel, uma gramática histórica não tem que satisfazer, pois, do ponto de vista cronológico, uma condição de amplitude máxima mas sim uma condição de amplitude mínima. Na realidade, enquanto a condição de amplitude mínima deriva da própria definição de 'gramática histórica' como 'comparativa', a condição de amplitude máxima sugerida por alguns dos gramáticos que citámos constituiria uma estipulação marginal – além de integrar um termo de interpretação ambígua como é o de 'origem'. Uma gramática histórica de uma dada língua não terá pois de estudar a evolução dessa língua desde um ponto determinado até à actualidade. Por outro lado, não constituem (formalmente) gramáticas históricas vários tipos de trabalhos de natureza diacrónica. Assim, uma história da língua não o é, pois perspectiva os factos linguísticos num contexto extralinguístico. Também não constituem gramáticas históricas um comentário linguístico ou descrição da língua de um texto antigo, um estudo monográfico mais ou menos extenso debruçando-se sobre um aspecto particular de evolução da língua, ou mesmo uma colectânea de estudos de natureza diacrónica ou uma compilação de lições versando, entre outros, tópicos de gramática histórica¹. Estes trabalhos não apresentam o escopo mínimo de uma gramática histórica visto que não têm como objecto de estudo 'estádios de língua', analisados *ponto-por-ponto*, nos termos de Malkiel, mas sim aspectos particulares dos mesmos. Uma gramática histórica poderá ser unidisciplinar (uma sintaxe histórica, por ex.) mas terá de ser, uma vez seleccionado um nível de análise linguística, razoavelmente exhaustiva.

Assim esclarecido o conceito de gramática histórica, vejamos quais são as gramáticas históricas do português de que dispomos. Em duas das páginas seguintes estão listadas as gramáticas existentes. Duas delas, as de Adolfo Coelho e de Rodrigo de Sá Nogueira, são gramáticas unidisciplinares, 'fonologias históricas'; as restantes, contemplam diferentes disciplinas. Da coluna da direita constam as gramáticas a que poderemos chamar 'didáticas', isto é, as que destinadas a estudantes do ensino liceal, foram, em geral, elaboradas de acordo com os programas que aí vigoravam. Na coluna da esquerda encontram-se as que, sem tal limitação, se apresentam como obras de maior fôlego e ambição; elaboradas visando a comunidade científica, são as que ainda hoje temos como indispensáveis instrumentos de trabalho; destas, principalmente, me ocupo neste artigo. Devo ainda esclarecer que a lista de gramáticas didáticas é apenas exemplificativa; acompanhando as necessidades do público a que se dirigem, outras da mesma natureza foram sendo produzidas até aos nossos dias, sobretudo no espaço brasileiro. A lista da esquerda, pelo contrário, pretende-se exaustiva. Dela não constam, no entanto, duas obras, a que me referirei adiante, que se situam na fronteira entre a 'gramática histórica' e outros géneros; trata-se dos trabalhos de Clarinda de Azevedo Maia (1986) e de Rosa Virgínia Mattos e Silva (1991, 1994).

Ainda duas breves notas sobre os trabalhos de Adolfo Coelho e Rodrigo de Sá Nogueira a seguir referenciados. Adolfo Coelho ao publicar *A Lingua Portuguesa*, em 1868, planeava uma gramática histórica pluridisciplinar a aparecer em três fascículos, daí o subtítulo *phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*, mas os fascículos que conteriam matéria diversa da fonologia nunca foram concluídos. A obra independente, com idêntico título (mas diferente subtítulo), que conheceu a primeira edição em 1881, *A Lingua Portuguesa – noções de glottologia geral e especial portuguesa*, não é uma gramática histórica mas sim um *compêndio escripto com a intenção de acudir às necessidades mais urgentes do nosso ensino no que respeita à história da lingua materna; nele a parte relativa à grammatica histórica está reduzida a um minimo*, em virtude do seu *caracter muito tecnico* e de ser intenção do autor preparar *sobre a matéria um desenvolvido volume* (cfr. Coelho 1881- *prefação*)². Rodrigo de Sá Nogueira, por seu lado, não identifica nenhuma das suas obras como 'gramática histórica', nem declara a intenção de publicar uma. O grosso

do seu trabalho de 1932, *Curso de Filologia Portuguesa – I Parte*, é todavia constituído por uma *fonologia vocabular histórica portuguesa* (cap. X, ocupando 74/122 págs.), estruturada de tal forma que cabe na definição de 'gramática histórica' acima adoptada. Esta parte do *Curso de Filologia Portuguesa* foi depois reeditada (com alterações mínimas) nos *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*, obra que contém ainda três outros importantes capítulos igualmente do âmbito duma fonologia histórica: *assimilação* (cap. VII), *dissimilação* (cap. VIII), *metátese* (cap. IX). Os capítulos iniciais do livro (I a VI), não tratando de matéria histórica, são, no entanto, dada a feição do trabalho de Sá Nogueira, necessários para introduzi-la³.

Gramáticas Históricas da Língua Portuguesa

Adolfo COELHO 1868. *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade. (Só o primeiro fascículo, contendo a *Phonologia*, foi publicado, nunca tendo sido reeditado. A fonologia histórica está também presente num extenso capítulo das *Questões da Língua Portuguesa*, de 1874.)

Jules CORNU 1888. *Die portugiesische Sprache*. In Gustav Gröber (ed.) *Grundriss der romanischen Philologie*. Strassburg: Karl J. Trübner. (2ª edição, melhorada e ampliada, em 1906.)

José Joaquim NUNES 1919. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. Lisboa: Livr. Teixeira. (2ª e 3ª edições, com correcções do autor, em 1930 e 1945 respectivamente. Um esboço da gramática apareceu em 1895 na *Revista Lusitana* III.)

Manuel SAID ALI 1931. *Grammatica Historica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. (Edição melhorada e aumentada de *Lexeologia e Formação de Palavras* (1921) e *Syntaxe do Portuguez Historico* (1927).)

Theophilo BRAGA 1876. *Grammatica Portugueza Elementar (fundada sobre o methodo historico-comparativo)*. Porto: Livraria Portugueza e Estrangeira.*

Manuel Pacheco da SILVA, JR. 1878. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.

António Garcia Ribeiro de VASCONCELLOS [s/d; 1900 no prólogo]. *Grammática Histórica da Língua Portuguêsa*. Paris / Lisboa / Rio de Janeiro / São Paulo / Belo Horizonte: Aillaud, Alves / Francisco Alves.

Eduardo Carlos PEREIRA 1916. *Grammatica Historica*. (8ª edição – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933).

Joseph HUBER 1933. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters. (Tradução portuguesa de M. Manuela Gouveia Delille (1986): *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.)

Rodrigo de Sá NOGUEIRA (1932; 1938) *Curso de Filologia Portuguesa. I Parte: Noções Gerais e Fonética Histórica*, Lisboa: Ed. de José Fernandes Jr. + *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional.

Edwin WILLIAMS 1938. *From Latin to Portuguese. Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press / Oxford: Oxford University Press. (Tradução portuguesa de Antônio Houaiss (1961): *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Brasília: Instituto Nacional do Livro.)

Joaquim Mattoso CÂMARA, JR. 1972. *The Portuguese Language*. Chicago & London: The University of Chicago Press. (Edição póstuma preparada por Anthony Naro que traduziu o texto original para inglês. A versão portuguesa, com revisão de M. Aparecida Ribeiro e Antônio Basílio Rodrigues, apareceu em 1975: *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão / Prolivro.)

Antenor NASCENTES 1929. *O Idioma Nacional*, vol. IV. Rio de Janeiro: Livraria Machado.*

Brant HORTA [?]. *Noções de Gramática Histórica da Língua Nacional*. (3ª edição – Rio de Janeiro: J. R. de Oliveira, s/d).

Jaime de Sousa MARTINS [?]. *Elementos de Gramática Histórica*. (2ª edição – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937).

Ismael de Lima COUTINHO 1938. *Pontos de Gramática Histórica*. São Paulo / Rio de Janeiro / Recife / Porto Alegre: Companhia Editora Nacional.

Francisco J. Martins SEQUEIRA 1938. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Popular.

Não constituem gramáticas históricas um conjunto de trabalhos de vários linguistas portugueses, de finais do século passado e primeiras décadas deste século, que, no entanto, tratam neles de questões de linguística diacrónica. Estes linguistas, não sendo autores de gramáticas históricas, contribuíram de forma decisiva para que as que existem pudessem ser elaboradas, como obras de síntese e corolário da actividade científica que à época se desenvolvia. Correndo o risco de não fazer justiça a todos, não posso deixar de referir alguns desses linguistas; mencionarei aqueles cuja autoridade é explicitamente reconhecida por José Joaquim Nunes, Joseph Huber ou Edwin Williams. Refiram-se pois Gonçalves Viana, Júlio Moreira, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, José Leite de Vasconcelos⁴, Epifânio da Silva Dias, Mário Barreto, Rodrigues Lapa, Joseph Piel.

Em época mais recente, a investigação conduzida por outros autores permitiu constituir uma larga base de novos conhecimentos igualmente propiciadores da elaboração de gramáticas históricas. Citando só os mais próximos, considerem-se nomeadamente os trabalhos de Paiva Boléo, Herculano de Carvalho, Celso Cunha, Lindley Cintra, Paul Teyssier e Anthony Naro. A produção científica deste grupo de diacronistas de certo modo desemboca em dois trabalhos que podem ser tidos como tipologicamente mistos, tendo uma dimensão de gramática histórica. Refiro-me à *História do Galego-Português* de Clarinda de Azevedo Maia, que se situa na fronteira entre a monografia e a gramática histórica⁵; e aos dois manuais intitulados *O Português Arcaico*, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, onde gramática descritiva e gramática histórica se aliam.

A maior parte das gramáticas históricas do português são produto da escola neogramática. É o caso de todas as gramáticas históricas didácticas e também das gramáticas de Adolfo Coelho, Cornu, Nunes,

Huber, Williams e Sá Nogueira. Entre 1836 e 1844, Diez publica uma gramática histórica das línguas românicas, em três volumes, tendo como objecto de estudo seis línguas (português, castelhano, francês, provençal, italiano e romeno); no final do século XIX (1890-1902) publica-se a monumental gramática histórica das línguas românicas de Meyer-Lübke (em quatro volumes) que alarga a base de observação e estudo a mais de dez línguas e dialectos românicos. Entretanto, a informação reunida acerca de línguas românicas particulares por diversos estudiosos havia adquirido tal peso que um pouco por todo o espaço românico começam a ser elaboradas e publicadas gramáticas unilingues. Gramáticas históricas do português surgem tanto em Portugal e no Brasil como em meios universitários exteriores ao espaço românico.

O iniciador da escola neogramática em Portugal é Adolfo Coelho, aquele a quem, como diz Serafim da Silva Neto (1952:34), "cabe, inegavelmente, a honra de ter introduzido em Portugal o método científico aplicado ao estudo das línguas"⁶. A gramática de Adolfo Coelho, como o próprio faz questão de apontar, tem como modelo e ponto de partida a de Diez:

Trabalhando no meio d'um grande movimento scientifico, [Diez] tornou a sua Grammatik der romanischen Sprachen [...] um dos mais valiosos trabalhos da philologia alemã. Nessa obra estuda elle o portuguez ao lado dos outros membros da familia romana, e offerece-nos ricos materiaes para o estudo do organismo da nossa lingua e da sua formação. Mas, como o seu trabalho só a tinha por objecto parcial, não a tractou com a minudencia que exige uma monographia. Traduzir o que na sua grammatica se acha a respeito do portuguez seria insufficiente, mas aproveitando-o com novos materiaes, esclarecendo os pontos que tracta de leve ou passa em silencio, reunindo alem d'isso os resultados das investigações de outros philologos, que venham ao nosso proposito, podia-se fazer um livro que satisfizesse a uma necessidade que todos reconhecem. Tentámos fazel-o, ainda que apezar de tantos recursos a empreza fosse laboriosa. (Adolfo Coelho 1868:VII)

O programa neogramático para a 'ciência da linguagem', que Adolfo Coelho deu a conhecer em Portugal, é sintetizado por António Ribeiro Garcia de Vasconcellos (1900:28-29) nos seguintes termos:

Applica [a linguística ou ciência da linguagem] ao estudo das línguas processos de observação rigorosos, como os usados na physica, na chymica, ou na história natural. Estuda cada língua minuciosamente, como a anatomia estuda um organismo; esta disseca os tecidos célula por célula, fibra por fibra; aquella decompõe a língua nos seus elementos, estudando phonema por phonema, palavra por palavra, phrase por phrase. Este trabalho é feito singularmente sobre muitas línguas, as mais variadas, tanto antigas como modernas.

Realizado o trabalho de análise, segue-se o de comparação e synthese, como se faz na anatomia comparada. A linguística aproxima os factos analysados nas diversas línguas, e ainda na mesma língua através dos diversos períodos da sua história, compara-os entre si, estabelece as analogias e diferenças, classifica-os, e deste modo aggrupa as línguas em famílias, reconhece o grau de parentesco em que se acham umas com as outras, verifica as modificações gerais que se deram em cada família linguística e as especiais de cada língua no decorrer do tempo, e assim chega a assentar e formular as leis da linguagem.

O modelo neogramático é pois o da primazia dos factos, submetidos a uma visão dissecadora e atomística (o que faz das gramáticas de inspiração neogramática riquíssimas fontes de dados). As regularidades ou generalizações observadas são tidas como 'leis da linguagem' que como tal são a própria explicação dos factos e não necessitam ser explicadas⁷. O espaço da hipótese é o da reconstrução de formas não atestadas; e a especulação surge essencialmente quando o gramático é confrontado com 'excepções' às leis que formulou.

A fonética e a fonologia mereceram dos neogramáticos particular atenção por ser a esse nível que a formulação de 'leis' se mostrava mais produtiva. Cedo porém o interesse dos neogramáticos se virou também para a morfologia quando a analogia, nomeadamente a 'analogia gramatical', também ela integrando um certo tipo de regularidade, foi identificada como um dos principais mecanismos interferindo com o princípio da regularidade da mudança fonética. Visto que a interacção da morfologia com a fonologia se verifica nitidamente ao nível da flexão mas não da formação de palavras, a morfologia flexional interessou particularmente os neogramáticos, enquanto a morfologia deri-

vacional foi relegada para segundo plano. Quanto à sintaxe, sendo mais dificilmente conciliável com os métodos de trabalho e os objectivos dos neogramáticos, e conduzindo por isso o seu estudo a resultados menos gratificantes, mereceu deles menor atenção. É assim esperável a situação que encontramos nas gramáticas históricas do português de inspiração neogramática no que diz respeito ao peso relativo que nelas têm as mencionadas disciplinas. No quadro abaixo encontram-se dados relativos às gramáticas de Cornu, Nunes, Huber e Williams, deixando pois de parte as gramáticas didácticas e as unidisciplinares (as fonologias históricas de Adolfo Coelho e Rodrigo de Sá Nogueira).

Disciplinas Representadas nas Gramáticas Históricas do Português e seu Peso Relativo

	Fonética/Fonologia	Morfologia (flexional/derivacional)	Sintaxe
CORNU (1ª ed.: 1888)	73 págs.	16 págs. (16/0)	—
NUNES (8ª ed.: 1975)	172 págs.	255 págs. (202/53)	—
SAID ALI (1ª ed.: 1931)	37 págs.	242 págs. (199/43)	116 págs.
HUBER (trad. port.: 1986)	122 págs.	118 págs. (110/8)	40 págs.
WILLIAMS (3ª ed. port.: 1975)	69 págs.	127 págs. (127/0)	—
CÂMARA, JR. (ed. port.: 1975)	24 págs.	136 págs. (115/21)	36 págs.

A gramática de Cornu, a mais antiga das gramáticas históricas pluridisciplinares, representa a fase de maior peso da fonética e fonologia. Já nas gramáticas de Nunes, Huber e Williams a morfologia conquista espaço e tem um lugar fulcral na estrutura destas obras. A morfologia derivacional, no entanto, face à morfologia flexional, ora

merece menor atenção (caso das gramáticas de Nunes e Huber) ora está ausente (caso das gramáticas de Cornu e Williams). A sintaxe, por sua vez, não é tratada nas gramáticas de Cornu, Nunes e Williams. Só Huber (entre os neogramáticos) tem um capítulo que lhe é dedicado; e embora a sua abordagem da sintaxe do português antigo seja mais sincrónica que diacrónica, ela é valiosa pela informação segura que disponibiliza. Cabe aqui uma menção à *Sintaxe Histórica Portuguesa* de Epifânio da Silva Dias que, contra o ponto de vista do seu autor, não considero uma gramática histórica. Na verdade, a gramática de Silva Dias é essencialmente descritiva e centrada no estágio de língua da época em que foi escrita, sendo assistemática a informação acerca de variantes antigas das construções estudadas. Além disso, mesmo quando tal informação é dada, e cito Rosa Virgínia Mattos e Silva (1991:45), a *Sintaxe Histórica* de Silva Dias "não tem uma diacronia seriada, mas trata de fenômenos sintáticos ocorrentes ao longo da história da língua portuguesa, sem destacar, com sistematicidade, o que é típico de cada momento ou fase histórica do português." Também Cardoso e Cunha (1970:11) consideram que a obra de Silva Dias embora "útil", "não é propriamente uma sintaxe histórica do idioma." Compreende-se assim que José Joaquim Nunes que tencionava justificar a falta de um capítulo dedicado à sintaxe na sua gramática com a existência da *Sintaxe Histórica* de Silva Dias se tenha visto impossibilitado de o fazer. Cito do prólogo à 1ª ed. da gramática de Nunes:

Outras ocupações e especialmente a absorção do ensino oficial fizeram que só agora pudesse levar a cabo o meu plano, ainda assim incompleto, pois que lhe falta a Sintaxe; verdade seja que, sabendo que o há pouco falecido professor Epifânio Dias preparava um estudo especial dessa parte da gramática, desistira de ocupar-me dela, visto estar entregue a quem melhor do que eu podia desempenhar-se de tal tarefa. Publicado, porém, esse trabalho, reconheci que nele, apesar de excelente, o seu autor seguira processo diferente do meu e por isso voltei à primeira ideia. Mas entre o aparecimento daquele e a publicação deste foi-me impossível tratar desse assunto com a minúcia e extensão que ele requer.

Realizada em plena época neogramática, a gramática histórica de Said Ali destaca-se por não se enquadrar em tal modelo. Diz Rosa Virgínia Mattos e Silva (1991:45) que "Said Ali [...] apresenta na sua

Gramática Histórica importantes informações e *interpretações* sobre a sintaxe arcaica⁸. De facto, na gramática de Said Ali o primado do factual cede lugar a um posicionamento mais especulativo visando a interpretação dos factos em vez da sua simples organização e exposição. Não quer isto dizer que Said Ali atenda menos às fontes e aos dados que elas disponibilizam. Na verdade, contrariamente a Nunes e Williams que normalmente não mencionam as fontes em que colheram as formas que estudam, Said Ali fá-lo, a cada passo citando, nas suas palavras, *provas e exemplos* retirados dos *muitos e diferentes textos que leu e cotejou*. O trabalho directo com as fontes é aliás uma opção explicitamente assumida por Said Ali, com resultados gratificantes. Cito:

Sem a menor preocupação de descobrir novidades ou tratar questões linguísticas melhor do que outros o haviam feito, não podia contudo deixar de ir directamente às fontes buscar a solução dos problemas, porque a isto me obrigava a natureza do trabalho. Averigui que certas theses sabidas em parte se confirmavam, em parte porem se tornavam insustentáveis. Alem disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, factos linguísticos cuja existencia a principio nem suspeitava. (Said Ali, prólogo da 1ª ed. da *Lexeologia*)

O carácter inovador da gramática de Said Ali manifesta-se ainda em outros aspectos. No que diz respeito ao peso relativo das diferentes disciplinas representadas na gramática, a morfologia flexional mantém uma posição de destaque mas a par dela a preferência do autor vai para a sintaxe e não para a fonética/fonologia (veja-se o quadro acima). Do ponto de vista cronológico, o foco de interesse é deslocado das mudanças ocorridas entre o latim e o português para as mudanças ocorridas dentro do português. *Sem desprezar a evolução do latim para o portuguez*, diz Said Ali, *estudam-se particularmente as alterações do idioma nas diversas phases do portuguez historico (isto é, no largo periodo decorrido desde o tempo que se conhece o portuguez como lingua formada e usada em documentos)*. Da conjugação destas duas opções, estudar evoluções ocorridas dentro do português e estudar a mudança sintáctica, resulta que Said Ali dá grande atenção ao português clássico e pós-clássico, contrariamente aos restantes gramáticos que se ocupam particularmente, dentro do português, do

período medieval. É que enquanto as principais evoluções de natureza fonética e fonológica ocorrem na história do português até ao século XVI; as mudanças sintáticas manifestam-se essencialmente a partir deste século.

A gramática de Said Ali, pela sua concepção à revelia do modelo dominante na época, cabe assim no conjunto de gramáticas que Yakov Malkiel designa como "modernistas". Cito:

While some scholars were busy refining the older approaches or reconciling certain discrepancies between them, real or apparent, others, more venturesome, have struck out anew, with fresh criteria for assembling data. Of these experiments a few, at least in their embryonic stage, go back to the concluding years of the past century; nevertheless one is at liberty to call them all "modernistic". Since experimenters, as a rule, display notable perceptiveness, they – and such critics as were no less alert – have, on the whole, been aware of the margin of imbalance and often downright error that any untested arrangement is likely to involve. The feeling in these quarters has been that, since stagnation represents the worst enemy of scientific advance, any well-conducted experiment, even if it merely opens up an unsuspected alternative to the accepted order of things, constitutes a sound investment of intellectual power. (Malkiel 1968:101-102)

Mais de duas décadas depois da publicação da gramática de Williams, na altura em que Mattoso Câmara escreve a sua gramática histórica, o ambiente científico tinha-se alterado radicalmente e os modelos de análise linguística eram agora outros. Escrita entre 1963 e 1965, a gramática de Mattoso Câmara é publicada só em 1972, em edição póstuma. Mas a orientação estruturalista que a caracteriza é fruto de um pensamento linguístico formado nas décadas de 30 e 40 e inspirado nos trabalhos do círculo linguístico de Praga, de Saussure e de Sapir. O modelo seguido é o que, a partir de Jespersen, pode ser designado por modelo de 'evolução-e-estrutura' (*growth-and-structure*). Assim, na gramática de Mattoso Câmara (como o título da edição portuguesa, *história e estrutura da língua portuguesa* indica) alternam iterativamente análises sincrónicas e diacrónicas. O sincronismo é parte integral do desenho da gramática já que se assume que uma dada evolução linguística, por mais detalhada que seja a análise da mesma,

não é susceptível de explicação a não ser quando vista enquanto transformação de um sistema em outro sistema, ou seja, como projecção de uma sincronia em outra sincronia.

Mais do que em relação a novos dados postos à disposição dos investigadores, a gramática de Mattoso Câmara vale pelas análises novas de factos conhecidos, com ganhos evidentes para o 'estado da arte' em muitos aspectos. No que diz respeito à fonologia, por exemplo, área a que como vimos Said Ali prestou pouca atenção, é só com Mattoso Câmara que a visão atomística, e por isso necessariamente redutora, dos neogramáticos é ultrapassada.

Antes de concluir, um pequeníssimo apontamento relativo às 'em parte gramáticas históricas' de Clarinda de Azevedo Maia e de Rosa Virgínia Mattos e Silva. Um comentário capaz de fazer justiça a estas obras seria, dado o carácter multifacetado das mesmas, necessariamente longo e não o farei aqui. Limitar-me-ei a notar que a *História do Galego-Português* de Clarinda de Azevedo Maia e o *Português Arcaico* de Rosa Virgínia Mattos e Silva são trabalhos em parte herdeiros quer da tradição neogramática quer da tradição estruturalista, mas inspirando-se além disso na sociolinguística pelo que neles o estudo da variação (não necessariamente diacrónica) tem um lugar sem paralelo em trabalhos precedentes.

A época neogramática é a da idade de ouro da linguística histórica e, assim, naturalmente, das gramáticas históricas, ao tempo em que a linguística era por definição histórico-comparativa. Nunca a actividade científica na área da linguística histórica voltou a ser tão propiciadora da elaboração das obras de topo, corolário do labor científico de uma época, que são as gramáticas históricas. O período estruturalista foi muitíssimo menos fértil neste domínio. E em época pós-estruturalista não surgiram novas gramáticas representando aquela *mudança radical* que, nas palavras de Malkiel, poderia *ressuscitar verdadeiramente* o género. Certamente porque o corpo de trabalho realizado, em diacronia, no quadro das correntes linguísticas contemporâneas, não é suficientemente extenso. No domínio do português, pelo menos, não parece que uma NOVA gramática histórica esteja, por enquanto, no horizonte.

Notas

- * A gramática de Teófilo Braga alia uma componente descritiva a uma componente histórica.
- ** Embora tendo o seu livro na conta de *compêndio didáctico*, Antenor Nascentes esclarece: *Não nos subordinámos ao programa oficial embora nele houvessemos colaborado, porque os programas oficiais variam constantemente e não estamos dispostos a estar mudando com êles.*
- ¹ Tomem-se como exemplos de trabalhos do âmbito da diacronia que contêm elementos de gramática histórica sem, no entanto, serem gramáticas históricas os seguintes (entre muitos outros que poderíamos referir): as histórias da língua portuguesa de Serafim da Silva Neto (1952) e Paul Teyssier (1980), bem como a parte histórica da gramática de P. Vasquez Cuesta; a descrição do português trecentista representado nos Diálogos de S. Gregório, de R. V. Mattos e Silva (1989), ou o comentário linguístico da Notícia de Torto de L. F. Lindley Cintra (1990); o estudo monográfico sobre a metafonia verbal de Almeida Cavacas (1921), ou o de Joseph Piel (1944) sobre a flexão verbal; as colectâneas de Herculano de Carvalho (1964) ou A. Naro (1973) incluindo estudos de natureza diacrónica; as *Lições* de C. Michaëlis de Vasconcelos (1946), J. Leite de Vasconcelos (1911) ou Sousa da Silveira (1923).
- ² Segundo Serafim da Silva Neto (1952:22), Adolfo Coelho "muitas vezes abandonava obras começadas ou ainda em projecto"; entre elas, "a prometida *Grammaire historique de la langue portugaise* (seria publicada em Heilbronn, em 1882) que jamais saiu a lume". Quanto aos fascículos d' *A Língua Portuguesa* (1868) que tiveram a mesma sorte, lê-se na contracapa desta obra: "O segundo fascículo contendo como o primeiro 5 folhas de 32 paginas (160 paginas) vae entrar no prelo. Compreenderá o resto da phonologia, a etymologia e grande parte da morphologia. O terceiro fascículo compreenderá a parte da phonologia [*gralha por morphologia?*] que não poder entrar no segundo e a syntaxe. O appendix sobre os dialectos, indices por ordem de materias e alphabetico constituirão um fascículo menor que os tres primeiros, cujo preço será proporcional á sua extensão. Cada um dos tres primeiros fascículos custa aos srs. assignantes 300 réis."
- ³ Os capítulos I a VI são, respectivamente: *breves noções de fonética geral; classificação dos fonemas portugueses; conceito de vogais, semi-vogais e consoantes; classificação e descrição das consoantes portuguesas; classificação e descrição das vogais portuguesas; alfabeto fonético*. O texto retomado da obra de 1932 constitui na de 1938 o capítulo XI, intitulado *fonética histórica portuguesa*. Só o capítulo X do *Tratado*, dedicado às onomatopeias, estaria a mais numa gramática/fonologia histórica.
- ⁴ Na *Antroponímia Portuguesa*, publicada em 1928, Leite de Vasconcelos anunciava ter em preparação uma gramática histórica da língua portuguesa. Esta juntamente com a *Antroponímia*, a *Esquisse*, publicada em 1901, e outros volumes em preparação (ou em publicação na *Revista Lusitana*) constituiria uma obra maior, uma História da Língua Portuguesa, que Leite de Vasconcelos planeava assim: I – Origem e vida externa da língua portuguesa; II – Gramática histórica da língua portuguesa III – Léxico português; IV – *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris, 1901); V – *Antroponímia portuguesa* (Lisboa,

1928); VI – Toponímia portuguesa. Diz Serafim da Silva Neto (1952:43): "No fim da vida, conhecendo que não disporia de tempo para publicar tudo, começou a dar a lume preciosos apontamentos: *Matéria filológica* (in *R. Lus.* XXXIX, 1931; p. 287-294; *Emmentas grammaticais* (idem, XXXII, 1934, p. 275-293; XXXIII, 1935, p. 193-213; XXXVII, 1939, p. 5-31; XXXVIII, 1940-3, p.113-126). Bom serviço prestaria às letras filológicas o esclarecido editor que os reunisse num volume dotado de índices completos! (assuntos, palavras e autores)". Na verdade, reunindo materiais dispersos por diferentes publicações bem como materiais inéditos, poderia presumivelmente estabelecer-se uma razoável aproximação da projectada gramática histórica de Leite de Vasconcelos.

- ⁵ Da mesma natureza é *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo* de Luís Filipe Lindley Cintra, que só não considero neste artigo por ter como objecto de estudo (central) um dialecto galego-leonês (e não o português).
- ⁶ Adolfo Coelho é um crítico severíssimo dos filólogos seus contemporâneos, ignorantes das novas ideias que à época grassavam na Europa: *Os livros sobre a nossa lingua ou em que d'ella se falla, que mais recentemente se têm escripto entre nós, fazem-nos pensar que ha erro na data de impressão: dir-se-ia que nelles se deve ler 17. em vez de 18.* (*A Lingua Portuguesa* (1968), pág. VIII). E referindo-se ao *Diccionario* de D. José de Lacerda: *Em poucas palavras, o auctor não vê nada alem dos horizontes estreitos da philologia do seculo passado, cuja auctoridade é a unica que invoca. O seu labor foi considerável, e os resultados mesquinhos, o que prova bem que o methodo é o principal na sciencia, não o methodo apparente, a ordem material, mas o methodo que accomoda os materiaes da experiencia á natureza do objecto a que se applica.* (idem, pág. XI)
- ⁷ Alguns neogramáticos procuravam em factores externos ao sistema linguístico a explicação final dos fenómenos observados. Uma corrente dentro da escola neogramática atribuía particular importância à fisiologia: *A phonologia examina por categorias as modificações phonicas que se dão no seio d'uma lingua, d'uma familia ou d'um grupo de linguas; estuda o encadeamento histórico d'esses phenomenos, mas não dá d'elles a explicação final que pertence a uma outra sciencia, á physiologia dos sons da palavra. Não é esta um ramo da glottica, mas sim da physiologia geral do homem* (Adolfo Coelho (1874:66) É Rodrigo de Sá Nogueira quem (entre os autores de gramáticas históricas do português) desenvolve este tipo de abordagem procurando identificar causas fisiológicas para as mudanças fonéticas. Esta orientação está patente no *Tratado*, de 1938, mas sobretudo na obra de 1941 intitulada *Tentativa de Explicação dos Fenómenos Fonéticos em Português*.
- ⁸ O sublinhado é nosso.

Bibliografia

- ALI, Manuel Said 1931. *Grammatica Historica da Lingua Portugueza*. São Paulo: Melhoramentos.
- BRAGA, Theophilo 1876. *Grammatica Portugueza Elementar (fundada sobre o methodo historico-comparativo)*. Porto: Livraria Portugueza e Estrangeira.

- CÂMARA, JR., Joaquim Mattoso 1972. *The Portuguese Language*. Chicago & London: The University of Chicago Press.
- CÂMARA, JR., Joaquim Mattoso 1975. *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (com revisão de M. Aparecida Ribeiro e Antônio Basílio Rodrigues). Rio de Janeiro: Padrão / Prolivro.
- CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso 1970. *Português Através de Textos*. Belo Horizonte: Bernardo Alves.
- CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso 1978. *Estilística e Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CARVALHO, Herculano de 1964. *Estudos Linguísticos*. Coimbra: Coimbra Editora, 1984 (2ª ed.).
- CAVACAS, A. d'Almeida 1921. *A Língua Portuguesa e a sua Metafonia*. Coimbra.
- CINTRA, L. F. Lindley 1959. *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo (seu confronto com a dos Foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Cória e Usagre)*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- CINTRA, L. F. Lindley 1990. "Sobre o mais antigo texto não-literário português: a notícia de torto (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)", *Boletim de Filologia* XXXI. Lisboa.
- COELHO, Adolfo 1868. *A Lingua Portugueza. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- COELHO, Adolfo 1874. *Questões da Lingua Portugueza (Primeira Parte: preliminares – o léxico – o consonantismo)*. Porto/Braga: Livraria Internacional.
- COELHO, Adolfo 1881. *A Lingua Portugueza. Noções de Glottologia Geral e Especial Portugueza*. Porto: Livr. Universal (2ª ed.: 1887; 3ª ed.: 1896).
- CORNU, Jules 1888. *Die portugiesische Sprache*. In Gustav Gröber (ed.) *Grundriss der romanischen Philologie*. Strassburg: Karl J. Trübner.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva 1918. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa Livraria Clássica Editora, 1970 (5ª ed.).
- DIEZ, Friedrich 1836-1844. *Grammatik der romanischen Sprachen*, 3 vols. Bonn: Weber. Trad. franc. de Gaston Paris (1863) *Grammaire des Langues Romanes*. Paris: Franck.
- COUTINHO, Ismael de Lima 1938. *Pontos de Gramática Histórica*. São Paulo / Rio de Janeiro / Recife / Porto Alegre: Companhia Editora Nacional.
- HORTA, Brant [?]. *Noções de Gramática Histórica da Língua Nacional*. Rio de Janeiro: J. R. de Oliveira, s/d (3ª ed.).
- HUBER, Joseph 1933. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters. Tradução portuguesa de M. Manuela Gouveia Delille (1986) *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.

- MAIA, Clarinda de Azevedo 1986. *História do Galego-Português. Estado Lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MALKIEL, Yakov 1960. "A Tentative Typology of Romance Historical Grammars", in *Lingua* IX:4. Reimpresso em *Essays in Linguistic Themes*. Oxford:Blackwell, 1968. Págs. 71-164
- MARTINS, Jaime de Sousa [?]. *Elementos de Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937 (2ª ed.).
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm 1890-1902. *Grammatik der romanischen Sprachen*, 4 vols. [I: *Lautlehre*, II: *Formenlehre*, III: *Syntax*, IV: *Register*]. Leipzig: Fues (Reisland). Trad. franc. de E. Rabiet (I), A. e G. Doutrepoint (II-III), id., com A. Counson (IV) (1890-1906) *Grammaire des Langues Romanes*. Paris: Welter.
- NARO, Anthony 1973. *Estudos Diacrônicos*. Petrópolis: Vozes.
- NASCENTES, Antenor 1929. *O Idioma Nacional*, vol. IV. Rio de Janeiro: Livraria Machado.
- NETO, Serafim da Silva 1957. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1979 (3ª ed.).
- NETO, Serafim da Silva 1952. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1977 (3ª ed.).
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá 1932. *Curso de Filologia Portuguesa. I Parte: Noções gerais e fonética histórica*. Lisboa: Ed. de José Fernandes Jr.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá 1938. *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá 1941. *Tentativa de Explicação dos Fenómenos Fonéticos em Português*. Lisboa.
- NUNES, José Joaquim 1919. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. Lisboa: Livr. Teixeira.
- PEREIRA, Eduardo Carlos 1916. *Grammatica Historica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933 (8ª ed.).
- PIEL, Joseph-Maria 1944. "A flexão verbal do português", *Biblos* XX. Coimbra.
- SEQUEIRA, Francisco J. Martins 1938. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Popular.
- SILVA, JR., Manuel Pacheco da 1878. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e 1989. *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e 1991. *O Português Arcaico. Fonologia*. São Paulo: Contexto.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e 1994. *O Português Arcaico. Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- SILVEIRA, Sousa da 1923. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1934 (2ª ed. melhorada).
- TEYSSIER, Paul 1980. *Histoire de la Langue Portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France. Trad. port. de Celso Cunha (1982) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro de 1900. *Grammática Histórica da Língua Portuguêsa*. Paris / Lisboa / Rio de Janeiro / São Paulo / Belo Horizonte: Aillaud, Alves / Francisco Alves.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de 1946. *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913)*. Lisboa: Ed. da Revista de Portugal.
- VASCONCELOS, José Leite de 1911. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1966 (4ª ed.).
- VASCONCELOS, José Leite de 1928. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASQUEZ CUESTA, Pilar e LUZ, M. Albertina Mendes da 1949. *Gramática Portuguesa*. Vol. I. Madrid: Gredos, 1971 (3ª ed.).
- WILLIAMS, Edwin 1938. *From Latin to Portuguese. Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press / Oxford: Oxford University Press. Tradução portuguesa de António Houaiss (1961): *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Brasília: Instituto Nacional do Livro.)